

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa, Praça dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone, 2 7136

Redacção e Administração: Rua da República, 45-47 — Telef. 34 — Secção de expediente e arquivos: L. Cons. João Franco, 30 — Composição e impressão: Tip. Minerva — V. N. de Pamalhão

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO: ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Editorial

Mais um ano...

RODOU mais um ano na in-
finidade do tempo...

Desvanecidas muitas ilusões, rotos todos os mantos enco-bridores de mistério e comp-passado o funéreo bailado a que os seres e as cousas se dedicam perfeitamente, esse espaço de tempo talhado e con-tado pelo nosso calendário, gasto e desgasto em torpezas, degradações e misérias, levou sumiço para o abismo dos sé-culos, pontapeteado pela graça juvenil e prometedora do ano de 1936, corrido e vaiado como se rabo levasse.

Levou sumiço ou soergueu-se em turbilhão de poeira, deixando como única recorda-ção a máscara com que se dis-farçara e a gargalhada atroz que soltara ao estoirar em toada de catástrofe — enxurro feito lama, e areia depois.

Entretanto, menino entre doutores, o novo ano canta a sua filosofia, diz amar a Hu-manidade, cisma na dor que existe pelo Mundo, recreia-se na lembrança de um beijo dado por Amor, e, de tudo que lhe apontam como cousa misteriosa, simbolismo ou sepulcro, entende ser dever seu coar o receio no filtro da paz, adivinhando os queixumes que para seu desgraçado pai se tornaram exprobações.

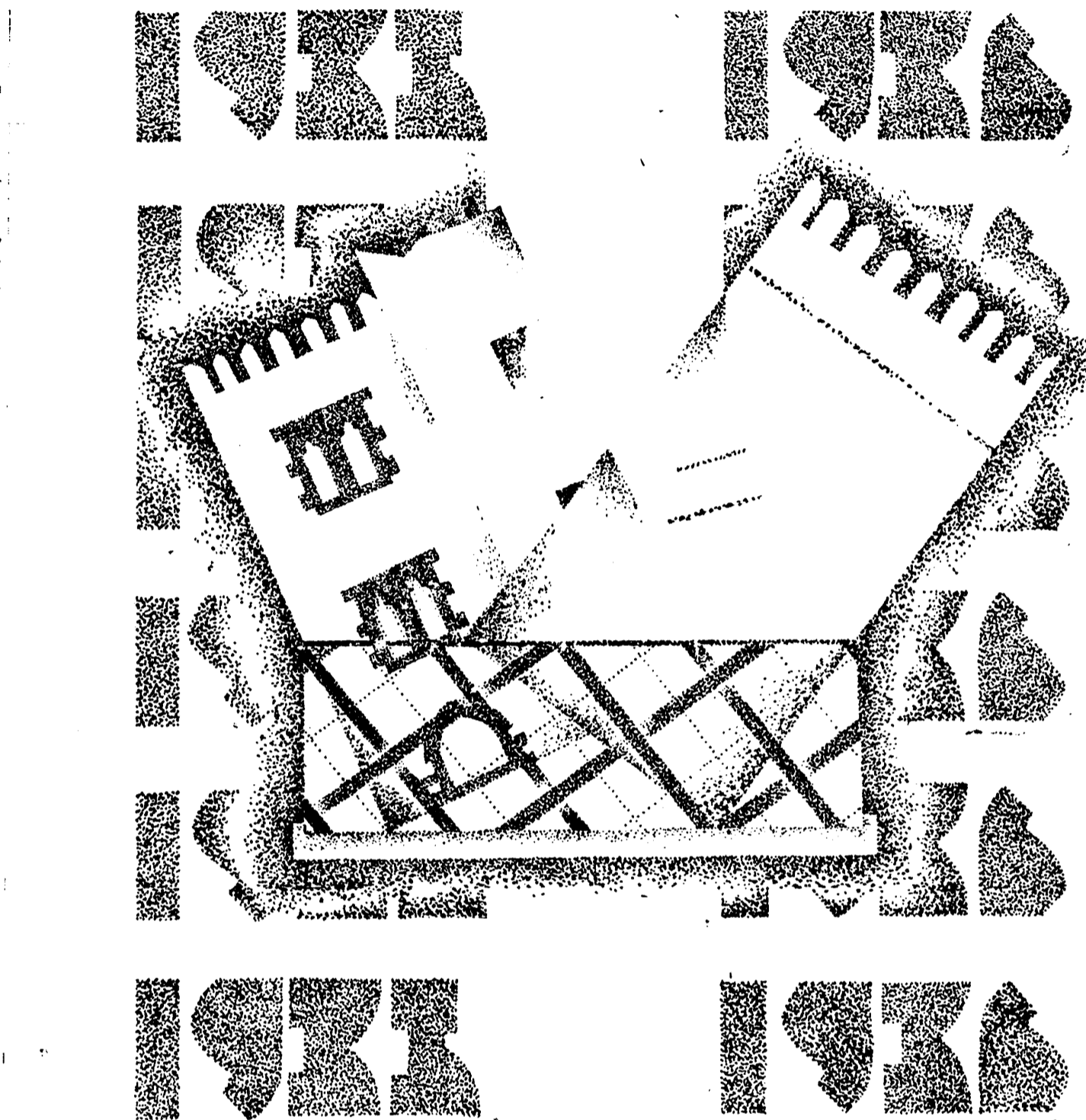
Renega os crimes da maté-ria, repudia os crimes do espí-rito e, não compreendendo os sorvos da existência, arranca de si próprio a promessa falaz, doirada e bela, que se derrama pela desprezível terra e se vai manando de alma para alma, trazendo em sus-pensão o sonho e a esperan-ça, promessa tam alentadora que dir-se-ia a primeira luz a alvorecer e a ressurgir na den-sa treva da Incerteza.

Sob os seus pés, como Ga-lileu, sente o redemoinho da Terra; sôbre a sua cabeça, o céu referve de oiro, numa ex-plosão de primavera e sol.

Parece entender a vida...

Porém, depois que se extin-gue esta levada de sonho, volta o inverno e a tempestade, em borbotões lancinan-tes de gritos, e do menino sa-bido entre doutores, não vere-mos outro que não seja o vélho odiento e de compleição informe, esvurmante de escár-nio, que, levando sumiço ou soerguendo-se em turbilhão de poeira, imprime dedadas ne-gras sôbre a Vida despindo-a de toda a sua beleza, harmo-nia e graça, equiparando-a aos monstros que vegetam e cres-cem pela crosta terrestre.

L. COELHO.



Que lindo par...

Ele e Ela... ambos à janela, como o papagaio.

— Estais lá ou sois de gesso?

— Nem sabemos o que somos por nossa triste desventura...

○ AMOR MATERNO ○

(Ao Dr. José Sebastião de Menezes)

MÃI, doce e linda palavra, suave como o perfume da rosa, expressiva como a verdade, que o filho só em re-verência devia rezar.

Gerado o filho à custa do seu sangue e dado ao mundo com risco da própria vida, começa então para a mãe uma odisseia de amor, cuidados e sacrifícios.

Acalentando nos braços o filho estremecido e pequenino, interrogação quanto ao que será na vida, a mãe faz lembrar Maria a embalar Jesus.

Podem esses braços estar emmagrecidos por doença ou por miséria, mas o filho sente-se nêles como se fôsem de arminho, tal a ternura e le-veza com que o encolam. E, tenrinho, todos os seus sentidos e faculdades em comêço de formação, sabe já conhecê-los e distingui-los dos estranhos pelo mimo e suavi-dade que nêles encontra.

O filho cresce, faz-se ho-mem.

As suas virtudes são consi-deradas pela mãe até o exa-gêro. Aparentando modéstia ao ouvi-las enaltecer, cala-se, sorri, mas o seu silêncio e o seu sorriso só têm um fim em vista: deixar que os outros continuem a exultá-las até à hipérbole, porque isso a delicia e lisongeia o seu amor.

Os defeitos do filho não os vê. Se o mundo os aponta, nega-os, atribue essas falas à inveja, a más-vontades; mes-mo que não possam deixar de se lhe tornar patentes, nem assim os confessa, consi-dera-os como efeitos de más companhias. O seu amor le-va-a a pensar que, negan-do-os, deixa o mundo, pelo menos, na dúvida quanto à sua realidade.

Para as gentilezas do filho, por mínimas que sejam, tem sempre um íntimo reconheci-mento; para as afrontas que lhe faça, tem sempre uma pa-lavra de perdão, porque na sua alma só há compaixão e amor para êle.

A ausência do filho, mes-

mo prolongada, não entibia o amor da mãe: a ausência tem para o seu amor um efeito se-melhante ao que para as mon-tanhas possui o poder lenticu-lar da noite: aumenta-lhe as proporções.

Com o filho ausente, para a mãe o tempo é como que parado: as horas parecem-lhe dias, os dias custam a pas-sar como se fôsem meses, os meses demoram como anos.

O longe da vista é para ela dentro do coração.

E a ânsia de o ver regres-sar é como azeite que sem intermissão é deitado na can-deia acesa do seu amor.

Na volta, ao abraçá-lo, ao beijá-lo, o seu amor mani-festa-se quente e vigoroso, como se êle tivesse partido na vé-pera ou jamais dela se apar-tasse.

A doença do filho exalta o amor materno. Com o filho doente, a mãe multiplica-se nos cuida-los e sacrifícios, esquece-se de si para só pensar nêle; encontra forças na própria fraqueza.

Vigílias consecutivas ao lado do filho, não a fatigam nem a fazem esmorecer.

Não cede o seu lugar a nin-guém. Uma ideia fixa a dirige e a fortalece: vê-lo melhorar, salvá-lo.

A morte do filho purifica, espiritualiza ainda mais o seu amor de mãe. A recordação saudável do filho que Deus levou, jamais se apaga da sua memória. Pode vir a ter mais filhos, mas nenhum ocupará o lugar do que morreu. Esse, nas horas de recolhimento íntimo que para ela são todas as que passam, na sua saúde imarcessível, na dor infinda de o ter perdido, estará sempre presente.

Essencialmente altruísta, o amor materno só tem um in-teresse: o bem-estar do filho; e um sonho de todos os dias: vê-lo engrandecer.

Tam sublime como o amor materno, só a saúde vene-radora do filho a rezar, de joelhos, ante a campa da mãe.

JOÃO AIRES DE AZEVEDO.

Apresentação...

CÁ estou. Depois de decorridos 1935 anos, chego a minha vez.

Apresento-me sem progra-ma, mas prometo ser mais transigente e mais benevolente do que o meu antecessor, que findou sem deixar saú-dades, tantas foram as contra-riedades que espalhou por todo o mundo, fomentando a guerra em vez de conseguir estabelecer a paz, aumentando a carestia da vida e não diminuindo o flagelo do de-semprêgo, criando, emfim, tor-turas e desalentos de toda a espécie. Eu procurarei atenuar todos estes males, quando não possa — durante o meu rei-nado de 366 dias — fazê-los desaparecer por completo.

Usarei da maior tolerância e não negarei o direito e a justiça a ninguém e tomarei na maior consideração a pro-tecção à família, amparando-a e protegendo-a. Serei defen-sor intransigente do progresso, porque sem êle não pode ha-ver a felicidade, não pode ha-ver o bem-estar.

Procurarei congraçar a famí-lia de todas as Pátrias, levando a umas a luz redentora da civilização e incitando as já civilizadas a não abusarem dêsse grau de perfeição, exem-plo que considero sublime e grandioso. Suavisarei, tanto quanto possível, os sacrifícios que actualmente pesam sôbre vários povos e acabarei com o abismo para o qual alguns estão a caminhar.

Exercerei o meu mandato por meio de leis brandas e to-lerantes, não exercerei violên-cia, se não em casos excepcio-nais, e será êste o maior laço de união entre mim e a hu-manidade, evitando, assim, ódios e desavenças que me possam criar antipatias e des-gostos. Preferirei à violência os meios suasórios, salvo quan-do por ameaçado o prestígio da minha autoridade, que de modo algum deixarei perder. Não traçarei armas contra o ca-pitalismo, mas lutarei impiedosa-mente contra a expansão da miséria e envidarei todos os meus esforços no sentido de aliviar a infelicidade de todos aqueles para quem a sorte tem sido a arma mais traiçoeira e mais cruel.

Não faltarei com os produ-tos da agricultura, a aspira-ção máxima das classes pobres, e darei início ao grandioso monumento da solidariedade humana, onde possam caber todos os povos, pelo menos todos os que estejam integra-dos no amor do próximo.

Para conseguir a realização dos meus desejos, conto com a boa vontade e cooperação de todos os habitantes que constituem a população do globo, pois só assim poderei dar finalidade aos meus pon-tos de vista. O dia que tenho a mais do que o meu anteces-sor, é uma vantagem para mim, porque me destaco em idade e, conseqüentemente, com mais probabilidades de criar simpatias, que serão o mais duradouro reflexo da minha passagem pelo vasto mundo da vida.

Está, pois, feita a minha apresentação.

BISSEXTO 1936.

VISTADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



DR. RICARDO FREITAS RIBEIRO
(Fundador da Casa dos Pobres)

A quadra que passa, cheia de recordações e saudades para muitos; de alegrias e de esperanças para outros — o Natal — é a quadra que aproxima os homens e, como Jesus, chama a si as crianças — ainda as mais tristes — para lhes encher a alma de sonhos e consolá-las com palavras de amor e de caridade!

O Natal é a Festa mais cristã e mais bela da Humanidade, porque dum simbolismo cheio de formoso conceito, ele traduz completa e perfeitamente o sentido e sentimento do Homem que, em nome de Deus e da Justiça Social, se deixou matar por Amor aos princípios que norteavam o seu grande Espírito de filósofo e revolucionário de todos os tempos e idades.

De todas as terras portuguesas, aquela que ocupa primordial lugar é, sem dúvida, Guimarães — pela sua intensa e maravilhosa obra de assistência social e moral.

Vem de longe, entre nós, a prática da Caridade: A Ceia, da Consoada, instituída há séculos, e servida na Capela de S. Crispim e S. Crispiniano, é de todos e por todos mantida e acarinhada, ainda hoje, com o auxílio pecuniário dos vimezanenses; outras instituições a nossa terra mantém e sustenta, além de grande número de legados deixados por almas cristãs aos pobres e presos de Guimarães!

E os pobres e os humildes erguem para Deus as suas preces como de súplica e de bênção por Aqueles que lhes dão «o pão que sobra de suas mesas» e agasalho para os seus corpos nus.

Sentimos, por isso, grande orgulho em afirmar isto: Guimarães, não satisfeita ainda com a caridade dispensada aos seus pobrezinhos, não pára nunca nas suas Obras de Misericórdia, e, assim, uma outra obra grandiosa se levanta como um verdadeiro monumento no coração de cada um — todos sentindo que ela carece do auxílio tanto particular como dos poderes oficiais. Criada há pouco mais dum ano, — a Casa dos Pobres — vem dispensando à indigência como às classes pobres uma larga assistência, que os números e os factos não desmentem, antes a confirma duma maneira tam clara e categórica, que, — seja-nos permitido —, muito honra e dignifica quem tam cristã e humanamente concorreu para a sua fundação.

Aproveitando estes dias de festa, quise ouvir alguém que nos pusesse inteiramente ao corrente do que se passa adentro da Casa dos Pobres. Esse alguém não podia ser outro que não fosse o sr. João Teixeira de Aguiar — alma de verdadeiro vimezanense, com vontade férrea de querer e... vencer! Mesmo, porque nestas colunas foi prometido, em Novembro último, a quando da nossa visita à sua Cozinha Económica, referir-nos mais largamente à sua acção de benemerência. A ocasião chegou, e uma noite destas — a chuva

PELOS POBRES!

Falam os números e os factos. Uma instituição que caminha na Terra como S. Francisco sobre as ondas. As lágrimas dos humildes e as almas abrasadas pela fé
x x x de bem servir as Obras de Misericórdia x x x

fustigava impiedosamente a terra e a ventania soprava rija e ameaçadora na aprazada hora fomos ouvir da própria bôca do sr. Teixeira de Aguiar, a última palavra. Devemos também dizer — por amor à verdade e à justiça — que muito nos auxiliou na nossa missão o seu actual director-tesoureiro sr. Joaquim Laranjeiro dos Reis — cooperador incansável, que, chamado a desempenhar o seu lugar nesta obra que é de todos — por ela tem sacrificado as suas horas de ócio. É preciso acentuar, aqui, que Joaquim Laranjeiro é um rapaz diferente daqueles outros que mais se deixam apaixonar pelo pontapé na bola ou pelos

café em críticas sem senso nem moral, e duma vontade e entusiasmo cheios de amor pela sua terra.

Assim, pois, conhecedor do nosso desejo, Joaquim Laranjeiro, acompanhou-nos de bom grado a casa do administrador-director, lá em cima, no Sabugal.

O sr. João Teixeira de Aguiar, com uma franqueza fora do vulgar, e que muito nos sensibilizou, pôs-nos à vontade — naquele à vontade que caracteriza os homens de bem.

— O prometido é devido, e cá estamos, portanto, às ordens, ou, melhor, o *Notícias de Guimarães* vem ouvir v. ex.ª, na qualidade de muito digno administrador-director da Casa dos Pobres, como também quer ouvir o seu cooperador, director-tesoureiro, que como v. ex.ª vê, nos acompanha nesta nossa missão. O sr. João T. de Aguiar sorri e, amável sempre, convidanos a sentar e a beber um cálice de *Pôrto-fino*.

Começa por nos explicar os principais pontos que julga mais importantes para uma maior eficiência para a Casa dos Pobres.

— Pode dizer no seu jornal que é minha intenção, como de todos os que actualmente servem a Casa dos Pobres, melhorar as suas condições de instalação. Começaremos pela Cozinha Económica, tendo a Câmara cedido para isso o armazém nos baixos da Casa, servindo de refeitório da Cozinha, que poderá computar de 100 a 150 pessoas. Mas não acaba aqui, ainda, o auxílio da ex.ª Câmara a obra da Casa dos Pobres. A Câmara foi mais longe nos nossos desejos: mandou levantar a planta, fazer o seu orçamento e a memória descritiva para podermos requerer, pelo Fundo do Desemprego, a indispensável participação do Estado.

O sr. Teixeira de Aguiar, precisando ideias e pensamentos, continua animado: a seguir pediremos a sua ex.ª o sr. Sub-Secretário do Estado e Corporações de Previdência Social um auxílio para as obras. Vem, a propósito, dizer que já enviamos, debaixo sempre do nosso ponto de vista, várias circulares a algumas das mais importantes individualidades oficiais, como sejam: Sua ex.ª o sr. Presidente do Conselho de Ministros,

Ministro das Obras Públicas, Sub-Secretário do Estado e das Corporações e Previdência Social, Director Geral da Assistência e Governador Civil do Distrito. No mesmo sentido, fizemos iguais petições aos srs. Presidente da Junta Geral do Distrito e Comissário do Desemprego.

Como vê, estamos empenhados por que vá por diante a nossa obra.

— Resolvidos e feitos estes melhoramentos aliás indispensáveis numa instituição como é a da Casa dos Pobres, vêm pôr mais à vontade os operários que, diariamente, procuram a Cozinha Económica, salvando-os assim duma vida



A COZINHA DA «CASA DOS POBRES» À HORA DA REFEIÇÃO

atroz para a sua existência como chefes de família. O actual refeitório destina-se a salão de festas e a vários divertimentos, que, servindo os pobres, procuramos educá-los e dar-lhes um certo prazer espiritual que presentemente não têm.

— Aproveitando um leve parêntesis, perguntamos interessados cada vez mais na obra meritória dispensada aos pobres e aos operários.

— Pode v. ex.ª informar-nos sobre o *albergue* da Casa dos Pobres?

— Com todo o gosto. É nossa intenção melhorar tanto quanto possível a sua acção de bem servir os que careçam duma cama — por mais humilde ou pobre que ela seja! Para já temos nove tarimbas, sendo bom não esquecer arquivar nas colunas do seu jornal que seis se destinam a homens e três a mulheres, devidamente separadas. Não é ainda uma cousa perfeita, uma cousa que satisfaça! Todavia, ela vai servindo como pode e deve, bastando dizer-lhe que às tarimbas existentes tencionamos beneficiá-las de maneira a não *magoar* e, assim, dentro em breve elas estarão completas, quer dizer, serão dotadas dum revestimento em pergamoide, de fácil desinfecção, feitas de fofo e pano cru, com seus respectivos travesseiros e dois cobertores para cada tarimba.

— Serão suficientes as tarimbas existentes?

— Temos em vista ampliar mais tarde, se possível for, este melhoramento, mas para isso será preciso utilizar uma nova dependência que sirva para tal fim.

Nesta altura, o director-tesoureiro, esclarece e aponta números. Assim, ficamos sabendo, e, como nós os leitores, que aos *pobres de passa-*

gem é da lá não só a *dormida* como também uma refeição.

Mais adiante, e com o prosseguimento da *entrevista*, o sr. Joaquim Laranjeiro dos Reis, completa o pensamento do sr. João Teixeira de Aguiar.

— Diga-nos. A população vimezanense tem correspondido à *chamada*?

— Sim. A direcção está-lhe muito grata pelo seu auxílio moral e material que vem prestando. E maior é o nosso agradecimento quanto mais belo é e tem sido a sua colaboração auxiliando tanto quanto possível a Cozinha Económica, subscrevendo com importâncias que nos satisfazem. E o nosso agradecimento es-

ta a *pavio* a vida interna da Casa dos Pobres.

Como nada mais tínhamos a fazer, nem tam pouco abusar da benevolência de sua ex.ª, despedimo-nos com um *muito obrigado*, dizendo-lhes na nossa despedida que o *Notícias de Guimarães* está sempre com as suas portas abertas para tudo quanto corresponda ao progresso da Terra do seu bom nome e de toda a população vimezanense — a da cidade e do concelho.

Não pára, portanto, aqui a última palavra sobre a Casa dos Pobres. Vai-nos ser dita, como acima se diz, pelo seu incansável director-tesoureiro. Para isso, nos acompanha pela segunda vez, mas agora a caminho da Redacção.

A noite vai avançando sempre e, como sempre, lufadas fortes de vento começam na sua desoladora destruição e ameaças trágicas, às quais as chuvas torrenciais se vêm juntar, pondo as grêmias almas em sobresalto de angústia e de receio...

— Ponta quebrada, ponta e m e n d a d a, amigo Laranjeiro. Diga-nos: como apareceu o seu nome tam de repente ligado à vida intensa, laboriosa, desta Casa?

— Em Setembro, se não estou em erro, encontrando-me na Câmara, os meus prezados amigos srs. António José Pereira de Cima e João Teixeira de Aguiar convidaram-me para fazer parte da Direcção da Casa dos Pobres, como seu director substituto. Não aceitei logo como aquela vontade que sirvo um cliente na «Luso», mas se não foi logo vim a aceitar depois, porque os colaboradores eram de boa louça, e, já agora, deixe-me acentuar, a melhor que tenho conhecido e, ainda, porque a obra é daquelas que se vêem com olhos de ver. Não podia, como vê, negar-lhes a minha embora modesta colaboração.

— De maneira que...

— ... após o acto de posse, fiquei imediatamente a servir no *activo*, por motivo do meu colega e amigo sr. Teixeira de Aguiar ir à Itália, servindo como tesoureiro.

— Tem sido grande a sua acção? J. Laranjeiro ri, e acrescenta: a minha não, mas é do seu conhecimento a da C. dos Pobres até Fevereiro de 1935, que, sendo já grande, não tinha a acção que agora tem, pois lhe faltava o pessoal dirigente e dirigido. Só pudemos consegui-lo a partir deste mês. Sem as Irmãs hospitalares, nunca esta obra seria o que é, pois estas santas Senhoras vêm exercendo com desinteresse, carinho, abnegação e, também, com muita economia, resultando daí o aperfeiçoamento em que hoje se encontra a C. dos P., que, como vimezanense que me orgulho de ser, sem receio posso afirmar e assegurar — é o melhor que conheço no seu género dentro do país.

— Têm sido grandes as dificuldades?

— Como em todas as cousas. Mas nesta tivemos de vencer um sem número delas.



JOAQUIM LARANJEIRO DOS REIS
(Director da «Casa dos Pobres»)

A primeira foi a da montagem da *máquina*, uma vez que já tínhamos uma Directora e um pessoal habilitado. Resolvida esta, outras se resolveram. Faltava a última, a mais grave — a das finanças...

Para removê-la, tivemos — eu, e os meus colegas, de então, srs. drs. Ricardo de Freitas Ribeiro, Adelino Ribeiro Jorge e Rev. Padre Borges de Sá — de abordar o ex.º Presidente da Câmara e também presidente da Direcção, ajudando a vencer esta dificuldade, que, ao tempo, orçava por dois mil escudos. Resolvida que foi, por parte da Câmara, que — diga-se — tem por esta Obra a melhor dedicação, iniciamos a refeição aos pobres em 25 de Fevereiro do ano que acaba de findar.

Regressado de Itália o sr. Teixeira de Aguiar, nova modalidade foi estudada, como já sabe, — a da Cozinha Económica. Deixe-me, porém, passar a outro assunto. Os pobres, embora lhes tivessem sido dadas algumas roupas, estavam ainda carecidos de agasalhos. Eram precisos tecidos, pois havia sido criada a secção de alfaiataria. Os senhores industriais, comerciantes e particulares, tudo nos foram dando, mas as necessidades iam crescendo! Surgiu a ideia — magnífica ideia! — de fazer um *assalto* ao centro industrial de Pevidém, e para lá nos dirigimos no automóvel do amigo dr. Freitas Ribeiro.

Recebidos de braços abertos, — pedir para os pobres é sempre humanitário — dentro em pouco regressamos com o automóvel repleto de peças de cotim, riscados, lenços para mulheres, cobertores, colchas, toalhetes, etc.

— Foi portanto, um *assalto*, que os deixou satisfeitos... — Satisfeitíssimos! O Pevidém foi sempre nosso amigo leal, e são poucas as palavras que se lhe dirijam de agradecimento e reconhecimento. Com auxílios desta natureza, a Casa dos Pobres singra na terra como S. Francisco sobre as ondas... — disse V., e muito bem!

— E ficaram por aí?

— De maneira nenhuma! Outros, muitos outros auxílios têm sido recebidos para a C. dos P. Alguns números: a Câmara é o subscritor n.º 1 — 40.000\$00 anuais! Subscritores particulares — sócios da Casa — a ndam à volta de 60.000\$00. Da Administração do Concelho — 3.000\$00.

Os subscritores particulares, sócios e não sócios, deram-nos, afora roupas, géneros, vinho, etc., até à data, cerca de 10.000\$00.

Tenha paciência meu amigo! O seu jornal seria pequeno de mais se lhe fosse a dizer tudo quanto se tem feito pelos humildes!

E agora, deixe-me dizer, entre parêntesis, que lamentei, como o sr. Teixeira de Aguiar nas suas últimas palavras de elogio para o sr. dr. Ricardo, a saída deste tam prestante cidadão, que com muita competência, zelo e abnegação

(Continua na 5.ª página).

Carreira entre Guimarães e Pôrto

DE

JOÃO FERREIRA DAS NEVES

ESCRITÓRIO EM GUIMARÃIS

ANTÓNIO FERRA, FILHO

Largo do Tournal, 127

Partidas: 8 h., 12,30 e 18,15

No PORTO, Rua do Almada

ESCRITÓRIO

Garage C. Pôrto

Partidas: 8 h., 10,15 e 17

A
T
L
A
S

¿Precisa V. Ex.ª de comprar calçado?

Queira ir ao DEPOSITO ATLAS em Guimarães na Rua da República, 77-79.

Permite-lhe a sua situação económica dar a preferência aos artigos de primeira qualidade?

Peça um "Atlas" e dispenderá para homem 95\$00 a 110\$00 para senhora 85\$00 a 100\$00

Está em boa situação económica mas prefere artigos de preço médio para economizar?

Peça um "Parkard" e dispenderá para homem 80\$00 a 90\$00 para senhora 70\$00 a 80\$00

E' funcionário público ou empregado no Comércio e Indústria? Ganha um pequeno ordenado mas precisa apresentar-se bem?

Peça um "Gorila" e dispenderá para homem 70\$00 a 80\$00 para senhora 60\$00 a 70\$00

E' operário? Vive do seu modesto salário precisando, por isso de adquirir artigos de pequeno custo e grande durabilidade?

Peça um "Popular" e dispenderá para homem 60\$00 a 70\$00 para senhora 50\$00 a 60\$00

E fiquem V. Ex.ª certos de que, com calçado de qualquer destas quatro marcas, ficarão bem servidos, pois todo êle é fabricado pela ATLAS, nas mesmas fôrmas e pelos mesmos processos que tam grande fama tem dado aos seus produtos.

Galochas — Polainitos — Solas e tacões de borracha

Preços fixos e vendas só a dinheiro

A GRANDE MARCA NACIONAL

Desporto

Vitória bate o Salgueiros por 3 a 1

O temporal desabrido que assolou esta quadra final do ano, impediu a realização de jogos de «cartel» que estavam anuenciados. A visita do Celta de Vigo, no dia de Natal, era esperada com a ansiedade que despertam sempre os jogos desta natureza e feitos com grupos de valor reco nhecido, e ao «team» local proporcionaria ocasião esplêndida de enfrentar «equipe» de categoria e que o obrigasse a dar provas das suas possibilidades totais.

A visita no domingo, do Salgueiros, se não proporcionou uma partida interessante, alimentou pelo menos o desejo — ou saudade — do público, habituado às tardes de «foot-ball» semanal. O campo, com o solo lamacento das chuvas constantes e furiosas que sobre nós têm caído, não permitia desenvolver jogo que brilhasse, comprometendo a técnica e trau o esforço e a vontade do jogador. As quedas foram frequentes, magoantes, e o equilíbrio exigia um esforço notável que o chão escorregadio contrariava constantemente.

O Vitória, ganhou bem, e o resultado de 3 a 1 a seu favor foi merecido, porque soube ser mais perigoso ao remate que o adversário, embora as ocasiões de «goal feito» houvesse de lado a lado. O Vitória poderia ter feito maior número de bolas, e o adversário poderia também elevar

mais o marcador, sem contudo lamentar veleidades de triunfo.

A «equipe» local não fez uma boa partida, porque a sua linha avançada viveu da energia dum homem — o avançado-centro —, sem ter interiores que o ajudassem: João Jesus — a precisar de muito descanso para boa cura das suas articulações seriamente atingidas; Vergilio — em tarde desatada. Bravo soube brilhar, assim como a defesa. A meia defesa emperrou por vezes do lado de Laureta por este jogador teimar, na demora da bola nos pés; Lima jogou a satisfazer; Zeferino lutou muito e foi incansável.

Dos visitantes o seu conjunto agradeu; jogaram com rapidez a meio do terreno e em frente das redes a boa defesa adversária impedia o seu acesso, cortando-lhes as avançadas

mais das vezes dignas de melhor sorte.

O jogo

A bola de saída pertence ao Salgueiros, jogando os locais a favor do vento. O Salgueiros ataca desde logo com impetuosidade que Vitória riposta a seguir no mesmo tom, criando uma situação de perigo. A bola despachada pela defesa vermelha e captada por Lima, que num pontapé a mais de trinta metros, bate o guarda-redes dos visitantes, marcando o 1.º «goal». Bola ao centro, e o Salgueiro desce obrigando a defesa do Vitória a conceder «corner», que marcado, nada resulta. Os alvi-negros atacam em forma para J. Jesus rematar por fora. Clemente, a seguir, com a sua energia habitual, marca o 2.º «goal». O Salgueiros

avança com rapidez, conseguindo marcar a sua única bola, à boca das redes, por Ricoca ter deixado cruzar o jogo. Bola ao centro e Vitória assedia rapidamente as balizas dos vermelhos, não rematando com êxito, por a bola se ter prendido na lama. Virgilio joga mal. 1.º «corner» contra o Salgueiros nada resulta. Virgilio sai e entra Vitorino. 2.º «corner» contra o Vitória também nada resulta.

Termina a primeira parte. Vitória teve maior quinhão de domínio sem que fôsse acentuado de sobremaneira.

2.ª parte

O jogo continua com a mesma característica da primeira parte. O terreno prende a bola e origina quedas de que os jogadores se ressentem. Os locais avançam e Vitorino tem um

toque para a redes bem intencionado, porém mal sucedido. Vitória cede terreno e joga mal. Perdem-se ocasiões de marcar dum lado e doutro. Vitória ocasiona perigo numa avançada pessoal de Clemente. Os locais atacam e disputam por sua vez um período de domínio acentuado que nada resulta por manifesta falta de sorte. Clemente, enfia a terceira e última bola da sua marca especial. O jogo alterna-se em avançadas e termina sem interesse maior.

Arbitrou António Neves. O seu trabalho satisfaz, reprimiu o jogo duro e não deu ouvidos às reclamações dos jogadores do Salgueiros, que protestavam sem razão alguma, por qualquer cousa insignificante.

ALMEIDA FERREIRA.

Da discussão nasce a luz!!!



Discutir a caneta **CONKLIN** é adoptar a caneta

Esta afamada caneta, encerra toda a engenharia da indústria moderna! — Sistema transparente, contendo as palavras que escreveu e as que pode escrever **SEM REENCHER**

Aparo «Rhodime» escrevendo de duas formas!

Não CAUSA BORRÕES, apesar da grande capacidade de tinta!
+ + + + (sistema patenteado em todo o Mundo) + + + +

BELEZA, QUALIDADE, ENGENHARIA

Deseja V. Ex.^a obter esta tradicional marca mundial por **2\$50, 5\$00, 7\$50** ou **10\$00**, valores respectivos de **75\$00, 165\$00, 230\$00** e **330\$00**?
inscreva-se sem demora nos sorteios semanais da

CASA DAS NOVIDADES

Rua da República



GUIMARÃIS

Fábrica de Tecidos da Cruz de Pedra, L. da

Telefone 190

GUIMARÃIS

FABRICA DE TECIDOS

DA
RUA DA LIBERDADE



ANTÓNIO DE SOUSA

Telefone 145

Rua da Liberdade

GUIMARÃIS

Fábrica de Tecidos

de "S. Miguel"

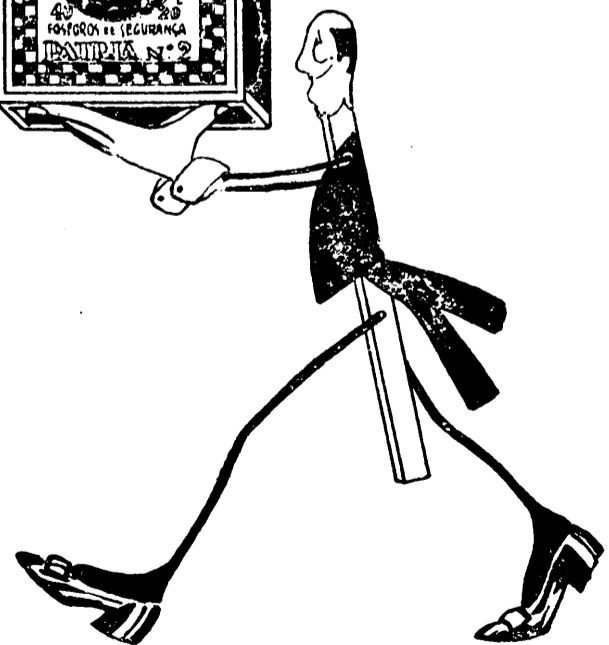
Aristeu, Lopes & Oliveira, L. da

Telefone 23

GUIMARÃIS

O CONCURSO DOS FOSFOROS PATRIA

FOSFOROS **PATRIA**
OS
MELHORES



E OS QUE MAIS VANTAGENS
OFERECEM AOS CONSUMIDORES

(SOCIEDADE NACIONAL DE PHOSPHOROS)

Um automóvel ou um camião ou compras na casa
Grandela na importância de escudos 28:000\$00.

1.º prémio:

2.º prémio:

Um automóvel ou compras na casa
Grandela na importância de escudos 17:000\$00 + + +

Para concorrer a este sorteio basta entregar 100 tampas de quaisquer das referidas marcas de fosforos na

RUA DE S. JULIÃO, 139